REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

FILOLOGIA E ACERVOS

ARTIGO

O “DRAMÁTICO JOGO” DO PROCESSO CRIATIVO: JOSUÉ GUIMARÃES E A EDIÇÃO DO CONTO DA DAMA

THE “DRAMATIC GAME” OF THE CREATIVE PROCESS: JOSUÉ GUIMARÃES AND THE EDITING OF THE LADY’S SHORT STORY

ISRAEL PORTELA DE FARIAS

Doutorando no Programa de Pós-graduação em Letras na Universidade de Passo Fundo (PPGL/UPF). Bolsista Capes Prosuc II.

E-mail: israel.porteladefarias@gmail.com

MIGUEL RETTENMAIER DA SILVA (PPGL/UPF)

Doutor em Teoria da Literatura (PUCRS), Pós-Doutorado pela Universidade de Santiago de Compostela (USC, Espanha). Professor da Universidade de Passo Fundo. Coordenador do GT CNPq de Literatura Brasileira Contemporânea e do Acervo Literário do Autor (ALJOG/UPF).

E-mail: m.reddenmaier@hotmail.com

RESUMO

Este artigo investiga o processo criativo de Josué Guimarães por meio do estudo do conto “A dramática história de uma dama”, presente no Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG/UPF). A partir da organização de um dossiê com manuscritos, datiloscritos, versões de revisão e rasuras, os autores analisam os mecanismos de escritura e reescritura do autor, bem como as interferências externas – políticas, sociais, ideológicas – que moldaram o texto final. Discutem-se as versões, as camadas de escrita (manuscrita e revisada), as escolhas linguísticas e as formas de autocensura ou adequação ao contexto histórico. O estudo inclui ainda uma edição crítico-genética da versão idealizada do texto, baseada nos documentos disponíveis, e reflete sobre o ineditismo do conto. Assim, o artigo contribui para a compreensão não só da obra de Guimarães, mas também do papel do arquivo e da edição na constituição da literatura brasileira moderna.

Palavras-chave: Literatura brasileira contemporânea; Edição crítico-genética; Processo criativo; Manuscritos e versões; Autocensura literária.

ABSTRACT

This article investigates Josué Guimarães’s creative process through a case study of the short story “*A dramática história de uma dama*”, housed in the Josué Guimarães Literary Archive (ALJOG/UPF). Building a dossier with manuscripts, typescripts, revised versions, and erasures, the authors analyse the author’s writing and rewriting mechanisms, as well as external interferences – political, social, ideological – that shaped the final text. They discuss the multiple versions, layers of writing (manuscript and revisions), linguistic choices, and forms of self-censorship or adaptation to the historical context. The research also includes a critical-genetic edition of the ideal version of the text, based on the available documents, and reflects on the story’s unpublished status. Thus, the paper contributes to the understanding not only of Guimarães’s work but also of the role of archival and editorial practice in the formation of modern Brazilian literature.

Keywords: Contemporary Brazilian literature; Critical-genetic edition; Creative process; Manuscripts and versions; Literary self-censorship.

O DONO DO TABULEIRO: JOSUÉ GUIMARÃES E AS PEÇAS DO SEU ACERVO

O trabalho do pesquisador de acervo literário vai muito além das leituras, preservação e catalogação dos documentos de estudo. Conhecer a obra do autor, fazer ligações entre manuscritos e documentos a partir da organização de um dossiê é fundamental para seguirmos os caminhos trilhados pelo escritor para realizar uma obra. Manuscritos descontínuos, esboços de textos, desenhos, datas anotadas, diversos tipos de rasuras, entre outras marcações e anotações podem apresentar informações relevantes para compreender o processo de criação e até mesmo conhecer importante parte da vida do autor. O acervo, é um tabuleiro cheio de peças espalhadas e o pesquisador é novo jogador que busca compreender cada jogada a partir das estratégias usadas pelo escritor. Mas o jogo com as palavras é complexo, algumas peças podem se repetir, outras sobrar e ainda podem existir peças faltando, perdidas devido a uma perigosa e proibida partida num tempo em que jogar com suas próprias regras era proibido. Para que possamos entender as regras que guiaram um escritor e as suas “táticas de jogo” devemos adentrar no tabuleiro, conhecer cada uma das peças e tentar compreender cada um de seus movimentos.

No Acervo Literário Josué Guimarães (ALJOG/UPF), que está aos cuidados da Universidade de Passo Fundo desde 2007, além dos manuscritos e datiloscritos originais das obras, encontram-se também esboços e notas, fotos, livros de sua biblioteca pessoal, inúmeras publicações na imprensa, cartas, entre outros objetos pessoais. Ao adentrarmos neste espaço cheio de fragmentos do escritor podemos perceber que sua biografia dialoga diretamente com a política do seu tempo, com a história social em determinados contextos históricos e com a sua história individual, ambas cercadas de múltiplas interferências, indo desde as coerções advindas dos processos políticos até a autocensura derivada dos embates ideológicos. Deste modo, percebe-se que determinadas escolhas no seu jogo de escrita são baseadas nestas interferências que o escritor sofreu durante sua vida, pois “[...] textos literários abrem sem cessar o diálogo da literatura com sua própria historicidade” (Samoyault, 2008, p. 22). Na obra publicada, muitas vezes, não percebemos as tentativas de intervenções do autor, pois o texto é lido, relido e ajustado aos desajustes de uma sociedade que determina certos moldes para que ele possa existir dentro dela, na época de Josué Guimarães, quem não seguia as regras, saía do jogo. Mas quando estudamos os primeiros textos, os primeiros traços de uma obra somos expostos à essência real do escritor e de suas ideias. Por outro lado, ainda temos o exemplo de textos que foram escritos, rasurados, reescritos e finalizados, e mesmo assim não foram publicados. Compreender o motivo (ou os motivos) pelo qual o texto não foi publicado pode nos trazer informações que ajudam a compreender não só a vida do próprio autor, como

a própria história da sua sociedade, do seu país.

Josué Marques Guimarães nasceu no dia 07 de janeiro de 1921, no município de São Jerônimo, Rio Grande do Sul onde viveu até os nove anos, testemunhando com seu olhar de menino os crimes que foram marcados pelo caudilhismo no Rio Grande do Sul. Josué Guimarães, trabalhou por muito tempo na imprensa, adquirindo experiências que posteriormente seriam percebidas em suas criações literárias, como o característico modo direto de escrever e as denúncias sociais. Antes de se tornar escritor, trabalhou em revistas e jornais como *O malho e Vida Ilustrada*, *Diário de Notícias* e *O Cruzeiro*. Dentro e fora do Brasil, exerceu funções de redator, colunista, desenhista, diagramador, e correspondente internacional. Em 1951 se elegeu como o vereador mais votado de Porto Alegre, assumindo a liderança da bancada do seu partido (PTB). Tempo depois, Josué Guimarães se torna chefe de gabinete de Jango e posteriormente foi convidado a dirigir a Rádio Nacional e a Agência Nacional onde assumiu o cargo até 1964, ano do golpe cívico-militar. Após o golpe, inicia-se um período de perseguições e prisões e Josué Guimarães, devido ao seu envolvimento político com o ex- presidente João Goulart, precisou viver na clandestinidade assumindo o nome de Samuel Ortiz. Trabalhou em inúmeras publicações diferentes e abriu uma livraria. Descoberto pelos órgãos de segurança em 1969, Josué Guimarães respondeu a inquérito em liberdade e deu início a sua “fase de escrever”. Aos 49 anos de idade, voltou-se para a produção literária sendo premiado no Concurso de Contos Estado do Paraná.

Em sua fase de escritor, Josué Guimarães foi autor de grandes obras como “A ferro e fogo – tempo de solidão” (1972), “Depois do último trem” (1973), “Tambores Silenciosos” (1977), “Camilo Mortágua” (1980), além de três coletâneas de contos, um livro de teatro, e obras de literatura infantil e juvenil. Acreditando que a literatura pudesse interferir na vida de forma positiva, o autor ajudou a protagonizar um dos maiores eventos literários do país. Com grande envolvimento apoiou na organização 1ª Jornada de Literatura Sul-Rio-Grandense, em 1981, evento de grande sucesso no estado e que dois anos depois viria a se tornar a Jornada Nacional de Literatura.

Josué Guimarães faleceu em 23 de março de 1986, aos 65 anos. Com mais de vinte livros publicados, uma indiscutível carreira jornalística, e como um dos pioneiros de um grande projeto de formação de leitores no Brasil, o autor fica marcado como um dos mais importantes escritores do século XX no nosso país não só por sua literatura, mas por sua luta em tentar interferir nos desajustes de um país que sofre até hoje com as feridas da repressão. Desde o início de sua carreira literária, o autor dedicou-se a construir uma literatura combativa, que refletia não só os problemas sociais do país, a sua escrita buscava abranger toda a temática sul-americana:

A literatura combativa do autor, porém, não se limita meramente a reflexo de uma tradição literária circunscrita aos limites de nossa nacionalidade. Como ele mesmo confessa, sua temática é sul-americana,

embora suas histórias se estabeleçam no espaço regional sulista. O cenário local, dessa forma, não incorre em qualquer possibilidade de estreitamento. É o centro de uma importante constatação: os sul-americanos, distintos no idioma e em diversos aspectos culturais, permanecem ligados pelo parentesco de uma mesma mazela política, uma mesma ascendência dominadora. (Rettenmaier, 2011, p. 28-29)

As narrativas de Josué Guimarães criticavam a atuação das classes dominantes que se refletia a partir o olhar dos oprimidos. Nas palavras do autor podemos perceber a intenção de transformar o país através da escrita:

Eu acho que uma das funções do escritor é viver a sua época, é compreender o seu povo, viver os seus problemas, e procurar transportar isso para o livro como um depoimento. Daqui a vinte, trinta, quarenta anos, quem sabe pode servir de subsídio para saber como era esta época. (Guimarães, 1984)¹

Publicar textos refletindo a realidade do seu tempo é um jogo muito arriscado em tempos em que a censura de um regime ditatorial toma conta do país e quanto a repressão não tem quaisquer pudores quanto ao uso de vários tipos de violência. Josué Guimarães utilizou da literatura e dos seus artifícios para nos mostrar o que muitas vezes não podia estar à mostra. Por outro lado, alguns textos presentes em seus manuscritos, mesmo que finalizados, não foram publicados em livros do autor ou coletâneas conhecidas.

Nas pesquisas realizadas no ALJOG/UPF, buscamos encontrar relações entre o documento que está sendo estudado e os textos publicados por Josué Guimarães. Para tanto, o pesquisador precisa estar a par de todas as peças das obras do autor para tentar unir o que às vezes parecem ser partes de um quebra-cabeça, como um esboço contendo o nome da personagem, uma carta contando sobre uma parte do texto, mapas desenhado pelo autor para poder se localizar dentro da narrativa, marcações em um livro de sua biblioteca destacando acontecimentos históricos, um comprovante de viagem que ateste que ele estava em determinado local em data específica, entre outras “pistas” que nos levem a organizar um dossiê que nos permita estudar a fundo o processo criativo do autor. Durante esse processo, foram localizados textos que não haviam sido publicados pelo autor, então organizamos um dossiê de textos inéditos para buscar compreender o motivo de seu ineditismo. O conto “A dramática história de uma dama” foi o texto selecionado para ser primeiro analisado e publicado em uma edição digital disponibilizada no site de curadoria² do ALJOG/UPF. Esse texto foi escolhido pelo fato de apresentar muitas marcações autógrafas feitas pelo escritor recorrente das edições feitas por ele no texto, possibilitando um melhor estudo do seu processo criativo e pelos elementos históricos presentes na narrativa.

O JOGO DE UMA DAMA

O conto “A dramática história de uma dama”, narra a história de H.C.L., mulher de 79 anos no leito de morte, que busca a paz relatando as suas memórias mais remotas. Como se fosse uma entrevista, quem escreve os relatos escuta tudo sentado em uma cadeira de braços, bebericando taças de chá. H.C.L. conta como descobriu o suposto “jogo de damas” e a repercussão desse jogo em sua vida. A narrativa se divide em uma breve introdução feita pelo relator e seis lembranças narradas por H.C.L.: dezembro de 1918; janeiro de 1919; fevereiro de 1920; junho de 1926; abril de 1927; e agosto de 1981.

Sua primeira lembrança é de quando ainda era menor de idade, em 1918, com dezesseis anos, H.C.L. retoma a conflituosa relação de seu pai, dono de uma oficina de reparos de relógios, com sua mãe, uma dona de casa que “[...] não se descuidava de suas tarefas domésticas entre as quais estava a de esperar todos os dias meu pai à porta de casa, as oito em ponto, para o início das brigas que se estenderiam até que fossem deitar” (Guimarães, sd., p.2). Com o casamento do irmão mais velho de H.C.L. os pais começam a dormir em quartos separados, depois da meia-noite a jovem escutava o pai adentrado no quarto da mãe e ela, curiosa, espiava pelo buraco da fechadura presenciando as discussões e as brigas do casal. Quando a mãe não se “entregava” aos desejos do pai, o homem usava da força:

Eu ouvia o estalido de um bem aplicado tabefe e dali para a frente a coisa se desenrolava a contento. Se no dia seguinte ela amanhecia com um hematoma na face direita, no encontro amoroso seguinte meu pai tratava de emparelhar sua fisionomia, criando-lhe um hematoma na face esquerda. (Guimarães, sd., p. 3)

O ato sexual regido por violência, passou a ser denominado de “jogo de damas” pela jovem H.C.L.. Com o tempo, outras experiências de jogo são presenciadas por ela.

Na segunda lembrança, em 1919, H.C.L. descobre que seu pai está traindo a mãe com a empregada, “entrando na porta errada em algumas noites”.

Descobri que meu pai começara a trair minha mãe quando me dei conta de que ele errava a porta e entrava no quarto da empregada, uma menina de pouco mais de vinte anos. E porque nas manhãs seguintes quem se apresentava com hematomas no rosto era ele e não ela. **A empregada era, ou tinha sido, mulher de soldado e depois de ficar sabendo do destino passivo dessas criaturas**, resolvera inverter a ordem dos fatores embora o produto continuasse sendo o mesmo, isto é, ardentíssimas noites de jogos de dama. (Guimarães, sd, p. 3, grifo nosso).

Como descrito, a empregada, com pouco mais de vinte anos era, ou tinha sido, mulher de soldado e depois de ficar sabendo do destino passivo dessas criaturas, tomou

¹Entrevista para L&PM em 1984.

²<https://curadoriadigitaljosueguimaraes.org/>

conta do jogo de damas. Deste modo, a empregada não aceitava as imposições do pai de H.C.L. pois quem aparecia com hematomas no rosto na manhã seguinte era ele. A mãe de H.C.L. some de casa, provavelmente volta para o lar paterno, o pai vai definhando, enquanto H.C.L. aproveita para se tornar independente. Com isso, a jovem começa a se interessar pelo “jogo de damas” muito praticado em sua casa. Sua primeira experiência acontece quando tinha entre dezesseis e dezessete anos, ainda menor de idade, e sua dupla de jogo também era um jovem inexperiente. H.C.L. leva o jovem até um quarto, ordena que tire a roupa e, sem ter recebido nenhuma instrução sobre o jogo, pede que o ele lhe de um bom tapa no rosto “(devia ser assim que as coisas começavam)” (Guimarães, sd., p.3). Seu rosto, marcado pela sua iniciação, era o comprovante de que ela era “uma mulher no mais amplo sentido da palavra” (Guimarães, sd, p. 4).

A terceira lembrança ocorre um ano recorrente a sua “iniciação” – fevereiro de 1920 – e H.C.L. narra que, entusiasmada com as partidas jogadas e após fazer um curso de “dama-sutra” com um mestre indiano, abre a casa de damas para os casais interessados no jogo. As regras eram as mesmas, quando a porta se fechava a primeira coisa a se ouvir era o estalido de um tapa bem dado. Os casais que frequentavam o local vinham de várias cidades, estados e até de outros países, e com o aumento na clientela iniciaram-se os jogos de dama a quatro, incluindo torneios anuais com até dez casais jogando ao mesmo tempo em um cômodo. Quando os casais começam a perder o interesse no jogo, H.C.L. se dá conta que as moças se casavam e tinham filhos, impossibilitando a prática do jogo. Não demorou muito para ela abrir uma creche no mesmo prédio da casa de jogos e tudo voltar aos tempos de ouro.

Seis anos após abrir a casa de damas, ocorre a quarta lembrança – junho de 1926 – H.C.L. abre o primeiro hotel para carruagens da história da cidade, um local requintado, com tabuleiros de mogno espelhos franceses, acompanhado da trilha sonora de Vicente Celestino. A casa de jogos é fechada sob acuação de prática de jogos ilícitos e de sodomia. Depois de fechada a casa de jogos, a personagem principal encontra o homem que ela considera o campeão nacional de jogos de dama.

A quinta lembrança é referente a abril de 1927. H.C.L. conhece um homem possuidor de um tabefe violento, capaz de inutilizar a adversária. O homem, de porte atlético, e mãos de lutador de boxe, toma conta do jogo e dita todas as regras do jogo, ordenando que H.C.L. fizesse tudo ao seu modo. Com isso, os dois passam a noite toda jogando ardentíssimas partidas de dama:

A partida se desenvolvia com lances pensados, passava para um ritmo mais veloz até chegar ao paroxismo de vinte a trinta jogadas a cada trinta segundos. Bem, acabamos juntos, desaparecendo do tabuleiro as pedras brancas e pretas, sem que houvesse vencedor ou vencido. (Guimarães, sd., p. 5).

Na última lembrança – agosto de 1981 – a mulher no leito de morte conta, envergonhada, de suas últimas partidas

de jogo de dama. “A última vez aconteceu em 1950, lembro como se fosse hoje, quando sentei no colo daquele que viria a ser campeão mundial de futebol, o Obdúlio Varela” (Guimarães, sd., p.5). Além de Obdúlio, H.C.L. também joga com outros futebolistas uruguaios responsáveis pela derrota do Brasil na copa do mundo de 50 que ficou conhecida como o famoso “Maracanaço”. Após contar suas lembranças e pedir que a pessoa que estava lhe escutando lesse o horóscopo do dia, H.C.L. pede licença para morrer e se despede dizendo: “– Morro como uma dama...” (Guimarães, sd, p. 7).

Além das três versões presentes nas diferentes camadas do texto, desde a origem do título, até as páginas finais do conto, existem vários tipos de rasuras e elementos que se tornam descontinuidades dentro de uma descontinuidade, alguns desses elementos trazem um discurso que, de certo modo, não seriam bem interpretados na época em que a narrativa foi criada. Por isso, esses discursos deixados de lado podem nos ajudar a entender o motivo pelo qual o conto não está presente em livro.

A PARTIDA CANCELADA

O conto de Josué Guimarães, traz em si elementos do discurso que podem nos ajudar a tentar esclarecer os motivos dele não ter sido publicado. Existe muito texto antes do texto e isso pode ser percebido nos discursos presentes nas descontinuidades. Michel Foucault (1996) des- venda a relação entre a prática discursiva e os poderes que a permeiam, trazendo inquietações diante o que é o discurso em sua realidade material pronunciada ou escrita. O autor trata dos perigos que o discurso pode trazer, além do poder que ele tem ou é capaz de nos dar. Esses poderes, de certo modo, podem servir para trazer à tona tanto uma genialidade quanto uma desordem conforme os recursos discursivos venham ser articulados:

[...] suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1996 p. 8-9)

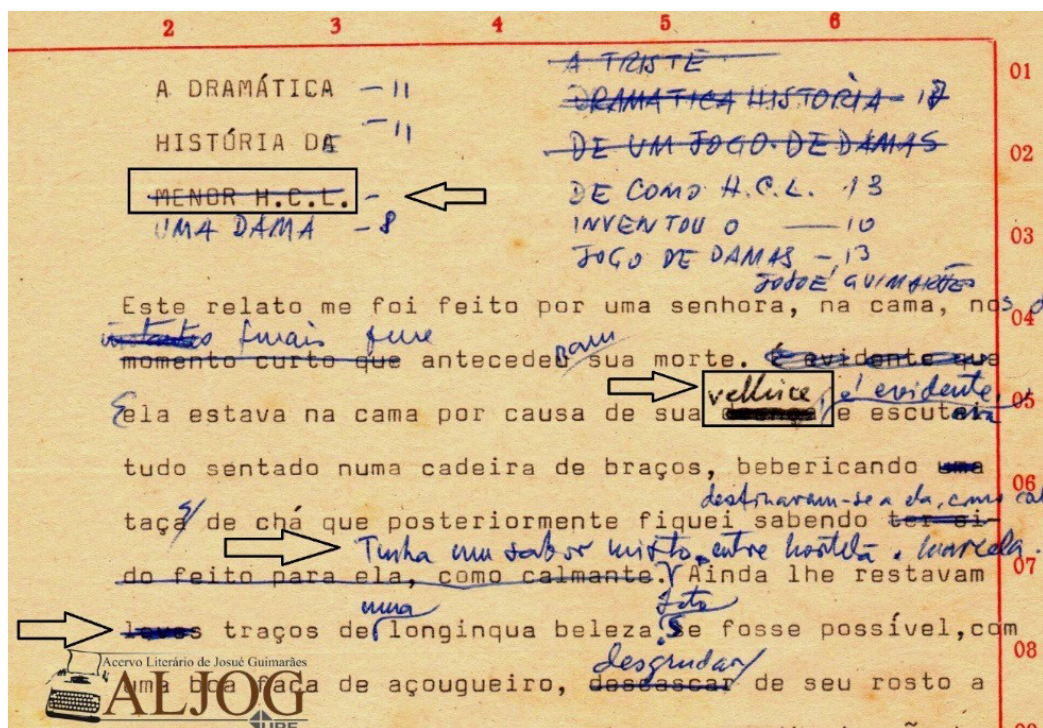
Assim, podemos selecionar elementos do nosso discurso, controlá-los e até excluí-los conforme for necessário. Foucault (1996) ainda destaca que dentre os procedimentos de exclusão a *interdição* é o mais familiar, pois não se pode falar tudo em qualquer circunstância, existem tabus, rituais de circunstâncias e direitos privilegiados ou exclusivos de quem fala, e que assuntos como sexualidade e política são onde os buracos negros mais se multiplicam. Na primeira página de “A dramática história de uma dama”, já podemos perceber alguns elementos que foram deixados de lado e rasurados pelo escritor no seu processo de revisão. Algumas dessas rasuras são nada mais que descontinuidades decorrentes de uma revisão da obra, porém, em um conto que trata de

sexo e imposição masculina, em que a personagem principal é uma mulher que opta por tudo isso, apresentar já no título, que ela é menor de idade, pode ser arriscado e ofensivo para a sociedade de então. Durante sua revisão, Josué Guimarães rasura tal informação e põe como opção a palavra “dama” que além de representar uma mulher nobre e adulta, faz referência ao tema principal da narrativa, o “jogo de damas”.

Podemos perceber, além das outras ideias para o título já apresentadas, um trabalho de revisão feito pelo autor em tempos distintos, comprovado através das rasuras de substituição que foram feitas com cores diferentes de caneta. É importante destacar que Josué Guimarães não fazia muitos esboços e rascunhos de suas obras, e isso fica perceptível

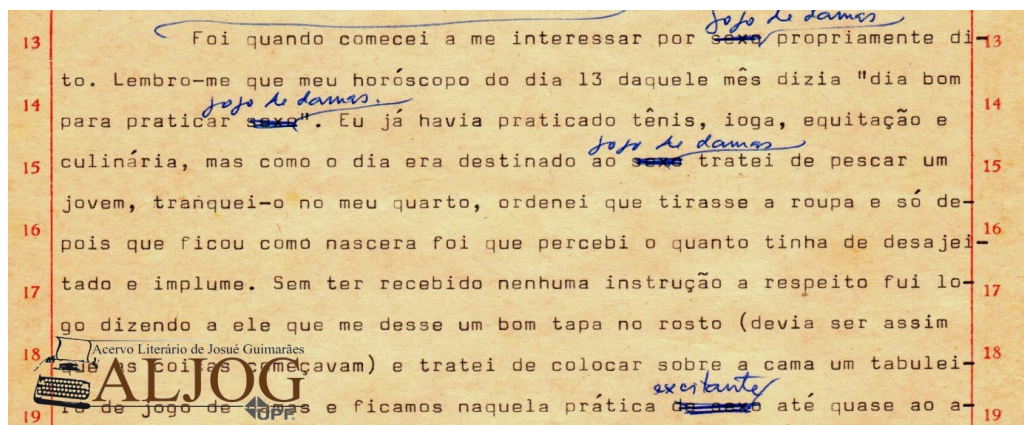
quando ele deixa em seus manuscritos todas as opções de títulos possíveis para o conto. Como não temos nenhum outro documento de edição de “A dramática história de uma dama”, nem esboços e notas, podemos considerar que o texto se apresenta em três versões, a primeira está na camada datiloscrita, seguida por uma segunda camada, a versão de revisão e ajustes feita manualmente com caneta de cor azul, e a terceira camada, uma versão com os ajustes finais feita manualmente com caneta de cor preta. Estas três camadas demonstram os momentos de escrita e de (re)leitura do autor em tempos distintos. Através de suas (re)leituras, novas ideias surgiram fazendo com que o autor modificasse seu texto para ficar mais “aceitável” para apresentar ao leitor.

Figura 1 - Primeira página de “A dramática história de uma dama”



Fonte: ALJOG/UPF

Figura 2 - Rasuras de substituição na página 3



Fonte: ALJOG/UPF

Em outras rasuras de substituição também existem elementos que podem ferir a sociedade do discurso daquela época e que são substituídos por alegorias que permitem que o texto não perca a sua essência crítica.

Na figura 2, recorte da página 3 do conto, Josué Guimarães faz uma das mais importantes modificações do seu texto, o autor rasura os a palavra “sexo” e as substitui pela expressão “jogo de damas” e excitante, e tudo aquilo que seria referido como ato sexual no conto parra a ser tratado como o jogo de tabuleiro. Dentre os elementos discursivos que envolvem o texto, o escritor opta por descontinuar um dos principais termos e transforma-lo em alegoria através de outros elementos do discurso como uma maneira de “burlar” um discurso que pudesse ser ofensivo.

Além do ato sexual que é tema principal do conto, descoberto por H.C.L. quando ainda era menor de idade, a narrativa apresenta a relação entre duas, ou mais pessoas, de um modo peculiar, iniciando-se a partir de uma agressão feita pelo homem. O jogo sempre se inicia com o homem dando um tapa no rosto da companheira, expondo aquilo que quase nunca é relatado: a vontade do homem imposta na mulher, mesmo ela não consentindo com a relação. Deste modo, temos a vivência de uma jovem que presencia as agressões do pai contra a mãe, e por sua inocência começa a tratar essa imposição masculina e as brigas do dia a dia dos pais como algo normal na relação conjugal a ponto de levar isso para a vida toda como algo normal, um simples jogo.

O conto não tem data específica, mas sabe-se que “A dramática história de uma dama” foi produzido na década de 80, um período em que a censura e o autoritarismo militar ainda predominavam no país. O provável motivo para o conto não ter sido publicado pode ser resultado de elementos específicos do texto como o conteúdo sexual explícito no conto, a protagonista da narrativa ter suas primeiras experiências sexuais sendo menor de idade, as agressões que ocorrem antes do “jogo de damas”, o fato de Josué Guimarães descrever os soldados como criaturas passivas às agressões, H.C.L. se envolver prazerosamente com os responsáveis pela derrota do Brasil na copa de 1950, entre outros pontos da narrativa que escancaram as fragilidades da nossa sociedade em tempos distintos, mas que seguiam sendo ofuscadas pela censura imposta no país. A publicação do conto poderia acarretar problemas não só para o autor, como também para a editora que publicasse um texto com tamanho desrespeito ao que se impõe como moral e bons costumes.

Trazer à tona um texto desta grandiosidade, requer muitos cuidados durante a sua publicação e divulgação. Para que o conto “A dramática história de uma dama” viesse à tona e fosse apresentado, analisamos as “peças” de Josué Guimarães e as “regras” que eram permitidas na época optamos por realizar uma edição crítica e genética dos datiloscritos, buscando apresentar os elementos presentes no documento a partir de seus fac-símiles junto de uma reprodução semidiplomática do conto a partir da análise das três versões apresentadas nas camadas do texto.

REORGANIZANDO O TABULEIRO: EDIÇÃO DO TEXTO

A edição crítica e genética do conto “A dramática história de uma dama” foi feita e disponibilizada de forma online, hospedada no site de curadoria do ALIOG/UPF, que ainda está em processo de construção. É importante destacar que o estudo ainda não está concluído, este trabalho é parte de uma hiperedição digital que vai apresentar os paratextos referentes a obra, links e outras informações relevantes sobre o texto. Esses datiloscritos da obra e demais manuscritos do autor nos trazem registros diferentes daqueles que eram produzidos pelos copistas medievais e que antes eram analisados para que fosse encontrando seu arquétipo. Com a evolução dos recursos científicos dos estudos filológicos no decorrer do século XXI, o manuscrito moderno passa ser visto de outro modo:

O manuscrito moderno traz registros de diferentes fases do trabalho que conduzem a escrita da ideia inicial de seu projeto à publicação. Os atos de escrever e de ler evidenciam ações dos agentes sociais e culturais que atuam na materialidade do texto. A crítica textual genética e a crítica genética ocupam-se do estudo e da edição do manuscrito moderno. As distintas abordagens críticas, conforme nas tradições textuais, trazem as orientações que delineiam o fazer filológico. (SANTOS, 2018, p. 497)

As transcrições e a fixação do texto ganham novos suportes, e o que antes era disponível apenas no papel, para um determinado número de pessoas, hoje alcança um número incontável de pessoas através dos sites, e links da internet.

É cada vez mais comum o filólogo utilizar, com certa intimidade, os recursos comuns disponíveis nos editores de texto, para organizações alfabéticas (através da ferramenta de classificação de texto em ordem crescente ou decrescente); para localização e substituição de trechos específicos (através da ferramenta de localização/substituição). Desta forma, parece evidente que a escolha do meio a ser utilizado esteja diretamente ligada ao tipo de edição que se há de propor. E este tipo de edição, por sua vez, está subordinada ao material com o qual se pretende trabalhar. (LOSE; TELLES, 2017 p. 288).

Ao delimitar o material que se quer trabalhar, surgem outras propostas de edição que se encaixam perfeitamente com as ferramentas da modernidade e com a ideia de disponibilizar o texto não publicado em livro de forma mais significativa para o leitor.

Do exercício da crítica textual, apresentam-se diferentes propostas de edição, conforme os materiais disponíveis para estudo e intenção do pesquisador, a saber: **edição fac-similada** (traz uma imagem aproximada das características que o documento/monumento apresenta); **edição diplomática** (disponibiliza o texto e suas modificações em outros caracteres, por meio de uma transcrição linearizada, diplomática ou mista); **edição interpretativa** (fixa o

texto de cada testemunho, construindo um aparato de notas e variantes com relação à mediação do editor que corrige erros ou atualiza a ortografia); **edição sinóptico-crítica** (coloca os testemunhos lado a lado para cotejá-los, trazendo notas e comentários que visam esclarecer os textos em seus múltiplos aspectos); **edição crítica** (coteja os textos para a fixação de um texto crítico e traz um aparato de notas e variantes); **edição crítico-genética ou crítica em perspectiva genética** (combina os métodos da edição crítica e da edição genética, sendo relevantes o produto e o processo); **edição genética** (busca transcrever todos os documentos que compõem o dossiê genético, identificando os níveis e os momentos genéticos, e apresentando um aparato genético); **edição histórico-crítica** (situa-se entre a edição crítica e a genética, na qual o manuscrito é abordado na pluralidade de suas significações, em perspectiva crítica e hermenêutica); **edição eletrônica/digital** (coloca em rede: textos, paratextos, imagens, aparatos, etc.). (SANTOS, 2018, p. 50, grifo nosso)

A edição proposta neste trabalho leva em consideração o processo de escrita de Josué Guimarães, a partir das versões presentes nas três camadas de texto, as rasuras e demais movimentos de escrita feitos pelo escritor nos datiloscritos, trazendo a fixação do texto e suas variantes, a partir dos fac-símiles e da transcrição semidiplomática, possibilitando o estudo crítico e genético do conto. O produto final desta edição busca apresentar uma edição crítica e genética de “A dramática história de uma dama”, propondo um texto ideal para leitura, a partir das últimas alterações feitas pelo autor nos documentos, apresentando notas explicativas serão transformadas em hiperlinks para uma futura hiperedição digital. É importante destacar que este é o primeiro trabalho feito no ALJOG/UPF que apresenta esse tipo de edição, sendo um grande passo para futuras edições dos textos de Josué Guimarães. A partir disso, buscou-se definir critérios que serão utilizados neste e nos próximos trabalhos do acervo.

MONTANDO AS PEÇAS: CRITÉRIOS UTILIZADOS NA EDIÇÃO

Os critérios adotados na edição, bem como os símbolos utilizados na transcrição são baseados no estudo de Lose (2004) e Barreiros (2015), com adaptações de acordo com o trabalho realizado nos datiloscritos de Josué Guimarães. Com o intuito de fazer a futura hiperedição dos contos de Josué Guimarães, deve-se destacar que os símbolos < > utilizado para indicar segmentos riscados foram substituídos por { } pois:

As edições digitais, editoradas em código de marcação, não permitem aplicar os símbolos < >, comumente utilizados para indicar segmentos riscados, ilegíveis, etc. Isso acontece porque, na escrita da programação, esses sinais correspondem a um código básico para inserir comandos [...]

(BARREIROS, 2015, p. 279)

Outro fator a ser destacado nesta edição, é o uso de cores nos símbolos utilizados. Como os datiloscritos de Josué

Guimarães apresentam muitas interferências autógrafas feitas pelo autor, optou-se por destacar cada movimento de escrita de uma cor diferente, tornando a sua identificação, mais clara. Deste modo, adotamos seguintes critérios:

- o fac-símile completo de cada página vem seguido da sua transcrição semidiplomática;
- a fonte utilizada é Times New Roman 11, justificada;
- as linhas são numeradas de 5 em 5 à margem esquerda;
- é respeitada, dentro do possível, a disposição dos textos na página;
- as palavras que não cabem na mesma linha, por questões de formatação, são acrescentadas abaixo, alinhadas à direita da página com espaçamento simples e não são consideradas na contagem das linhas;
- a grafia original dos textos é conservada na íntegra, mesmo nos casos em que fica claro o equívoco ou ato falho do autor;
- para a transcrição dos movimentos de escrita do autor são utilizados os seguintes símbolos e cores:

{ } rasura de supressão (riscado)

{+} seguimento ilegível

[] acréscimos

{ } / \ substituição por sobreposição, na relação

{substituído} / substituto \

{ } [↑] rasura com substituição na entrelinha superior

{ } [↓] rasura com substituição na entrelinha inferior

[↑] acréscimo na entrelinha superior

[↓] acréscimo na entrelinha inferior

[→] acréscimo na margem direita

[←] acréscimo na margem esquerda

[{ }] acréscimo rasurado

[↑{ }] acréscimo rasurado na entrelinha superior

[*] acréscimo com cor de caneta distinta

[~] rasura de deslocamento - união de parágrafos

- a fonte utilizada na edição crítica e genética é Times New Roman 12, justificada;
- a edição crítica e genética buscou apresentar um texto editado a partir das três versões presentes nas camadas de texto do conto. Foram consideradas as últimas alterações feitas pelo autor, presentes na segunda e terceira camada dos datiloscritos, de modo a proporcionar um texto ideal para a leitura.
- na edição crítica e genética foram inseridas notas de rodapé com informações relevantes sobre termos e personagens citados.
- com base nas variantes presentes nas camadas do datiloscritos do autor, definimos como A: a primeira camada, composta pela versão datiloscrita; B a segunda camada, composta pela versão datiloscrita levando em conta as alterações feitas à mão com caneta azul; C: a terceira camada, composta pelas

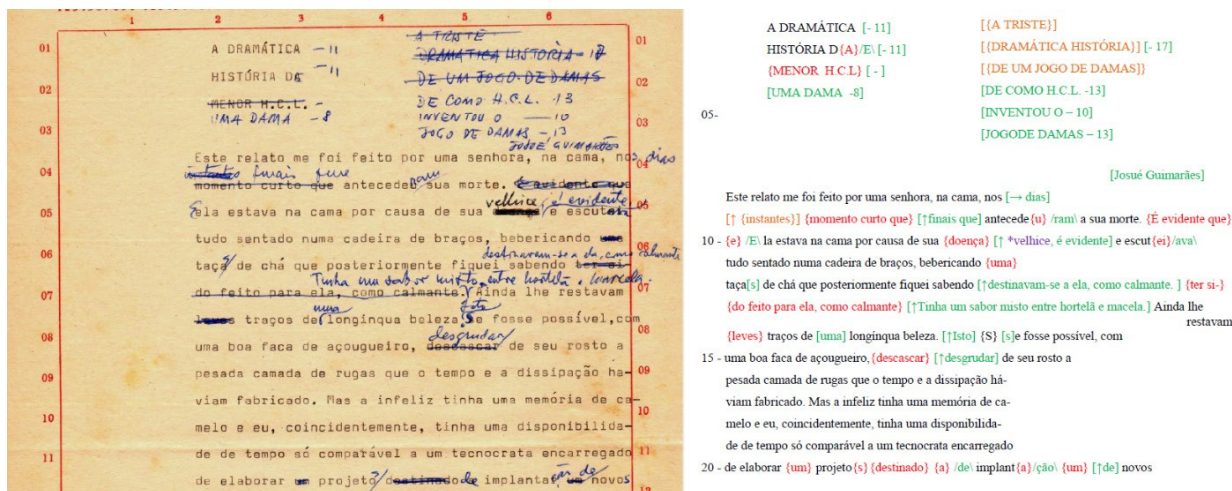
duas versões anteriores, levando em consideração as alterações feitas à mão com caneta preta. Deste modo, foi estabelecido o seguinte estema:

A
|
B
|
C

Os *fac-símiles*, bem como a transcrição e edição final do texto foram disponibilizadas de forma *online* no site de “Curadoria Digital Josué Guimarães” ALJOG/UPF, na aba “Originais”, no subitem “A dramática história de uma dama. Link direto para o acesso da edição:

<https://curadoriadigitaljosueguimaraes.org/a-dramatica-historia-de-uma-dama/>.

Figura 3 - Recorte do Fac-símile e transcrição semidiplomática



Fonte: ALJOG/UPF

Figura 4 - Recorte da edição crítica e genética

A DRAMÁTICA HISTÓRIA DE UMA DAMA

Josué Guimarães

Este relato me foi feito por uma senhora, na cama, nos dias finais que antecederam a sua morte. Ela estava na cama por causa de sua velhice, é evidente, e escutava tudo sentado numa cadeira de braços, bebericando taças de chá que posteriormente fiquei sabendo destinavam-se a ela, como calmante. Tinha um sabor misto entre hortelã e macela. Ainda lhe restavam traços de uma longínqua beleza. Isto se fosse possível, com uma boa faca de açougueiro, desgredar de seu rosto a pesada camada de rugas que o tempo e a dissipação haviam fabricado. Mas a infeliz tinha uma memória de camelo e eu, coincidentemente, tinha uma disponibilidade de tempo só comparável a um tecnocrata encarregado de elaborar projetos de implantação de novos modelos econômicos no país. Não foi preciso lápis e papel, pois eu acabara de concluir um curso chamado de “Truman Capote”⁸ destinado a transformar o cérebro das pessoas num autêntico computador, como, aliás, foi feito por ele ao captar a história conhecida como “A sangue frio”, anunciada nos jornais com crase no “a”. Eu a ouvia durante três a quatro horas, chegava em casa e passava tudo para o papel, reproduzindo não apenas pontos e vírgulas como suspiros, flatos e arrotos. Claro, a história da menor H.C.L. daria um romance se eu tivesse saco para tanto e se o pseudônimo de Cassandra Rios⁹ já não estivesse sendo usado por outra pessoa, com êxito. Mas reduzi tudo ao mínimo para evitar leitura dinâmica, e assim me livro de uma história cuja personagem central morrerá de prazer pela segunda, vez ao saber, no além, que teria sido publicada por uma revista de circulação nacional.

Primeira lembrança - Dezembro de 1918 - Eu tinha dezesseis anos, era véspera de Natal e toda a família se entregava a tarefa habitual de preparar o pinheirinho, cobrindo-o de

⁸ Truman Capote (Nova Orleans, 30 de setembro de 1924 — Los Angeles, 25 de agosto de 1984) foi um escritor, roteirista e dramaturgo norte-americano, escritor de vários contos, romances e peças teatrais, reconhecidas como clássicos literários, como a novela “Bonequinha de Luxo” (1958). Foi o pioneiro do jornalismo literário com “A Sangue Frio” (1966), classificado por ele como um romance de não-ficção.

Fonte: ALJOG/UPF

O ÚLTIMO MOVIMENTO

Nas pesquisas realizadas no ALJOG/UPF, seguimos as pistas deixadas por Josué Guimarães e conseguimos descobrir aquilo que poderia ter ficado encoberto pelas nuvens do tempo. Um conto que antes parecia ser um provável inédito, por anos engavetado pelo autor, ressurgiu através do estudo crítico e genético revelando não só o seu contexto, mas um tempo, um ideal e uma história. O conto “A dramática história de uma dama” foi analisado e editado através de suas versões, considerando as suas variantes para apresentarmos o que pode ser considerado um texto ideal a partir das escolhas feitas pelo autor no processo de revisão. Foram estudadas as peças, as marcas e movimentos de (re)leitura e escrita para reconhecer a sociedade em que o autor estava inserido no momento de produção do texto. Com isso, foi possível fazer a fixação do provável inédito em livro, apresentando os *fac-símiles* dos datiloscritos, uma transcrição semidiplomática para estudos críticos e uma edição crítica e genética com o texto ideal a partir das versões presentes nas diferentes camadas de texto do conto.

Josué Guimarães foi um destacado jornalista, político, escritor e formador de leitores. Seu legado abrange importantes obras que narram a história do nosso país através da lente daqueles que não tinham direito à palavra. Muitos fatores podem fazer com que um autor rasure palavras, frases, parágrafos inteiros ou até mesmo deixe um texto completo de lado. A partir da análise e da edição do conto, percebeu-se uma preocupação do escritor em sua obra ficcional em indicar certos fatores sociais questionando o seu valor e denunciando os seus desajustes. O fato de uma adolescente presenciar a imposição paterna, vendo todos os dias o pai obrigar a mãe a cumprir com os seus desejos usando da força bruta e pensar que isso é algo normal e prazeroso a ponto de levar isso para a vida toda como um “jogo de prazer”. Josué Guimarães usa da inocência da jovem H.C.L. para denunciar ou mesmo desvelar o mito da família tradicional, a correção ética do patriarcado, a corrupção moral que existe em todo processo de dominação que, de várias maneiras, se sustenta em violências físicas, psicológicas, simbólicas. Ao mesmo tempo, podemos perceber a intenção do autor em ironizar outros temas polêmicos que feriam a sociedade do discurso de sua época como o destino passivo dos soldados perante suas esposas, o sexo como algo prazeroso para a mulher, e até mesmo o envolvimento da personagem principal do conto com três jogadores de futebol da seleção uruguaia logo após eles serem responsáveis por uma das maiores vergonhas para o futebol brasileiro. Sempre a frente do seu tempo, o autor certamente sabia que um texto carregado de denúncias e termos que ferem a moral e os bons costumes da família e de sua época não passaria em branco aos olhos de quem vigiava tudo.

Quando lemos um texto de Josué Guimarães, adentramos em seu tabuleiro e jogamos com suas peças, e podemos perceber que a vida pode ser jogada de diversas

formas. As regras em nosso país sempre mudam, e quem está no poder tenta manipular os jogadores. “A dramática história de uma dama” é uma produção literária intencionalmente construída como forma de resistência, uma tentativa de burlar as regras censura e a repressão: pela palavra escrita, Josué Guimarães pretendeu interferir na vida. Trazer à tona um texto inédito, analisando sua narrativa e suas versões, e o motivo pelo qual o autor fez cada alteração vai muito além de um ser uma pesquisa acadêmica, quando revivemos o texto, não estamos revivendo apenas a sua história e preservando uma memória, estamos usando as mesmas peças que o autor usou para seguir vencendo em um jogo que é interminável.

REFERÊNCIAS

BARREIROS, Patrício Nunes. **O pasquineiro da roça**: edição dos panfletos de Eulálio Motta. Feira de Santana: UEFS Editora, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 5ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

GUIMARÃES, Josué. **Os ladrões**. Rio de Janeiro: Forum, 1970.

GUIMARÃES, Josué. O homem e a obra: as traições de 1964. [Entrevista concedida a] Ivan Pinheiro Machado, Jó Saldanha, Jorge Polydoro, José Antônio Pinheiro Machado, José Onofre e Paulo de Almeida Lima. Revista Oitenta, Porto Alegre, volume 6, março de 1982. In: RÖSING, Tania M. K.; AGUIAR Vera T. de (Org.). **Jornadas Literárias**: o prazer do diálogo entre autores e leitores. Passo Fundo: Gráfica e Editora da Universidade de Passo Fundo. 1991.

JOSUÉ Guimarães – Entrevista [Entrevista concedida a] José Antônio Pinheiro Machado. **Editora L&PM**. Porto Alegre, Duração: 9min 8secs, 1984. Disponível em: https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805134&SecaoID=948848&SubsecID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=45. Acesso em: 29 set. 2019

LOSE, Alícia Duhá. Arthur de Salles: esboços e rascunhos. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística (PPGL) Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2004. 277 p.

LOSE Alícia Duhá; TELLES, Célia Marques. Qual edição e o que editar. In. **A Cor das Letras**: Revista do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana, v. 18, n. 2; 2017, Feira de Santana: Departamento de Letras e Artes da UEFS, 357p.

RETTENMAIER, Miguel. **A cegueira das utopias e os desencantos da memória**: uma leitura da esperança nas narrativas de Josué Guimarães e de Ernesto Sabato. Passo Fundo: UPF Editora, 2011.

RETTENMAIER, Miguel. **Pesquisa literária e acervo:** a maldição dos manuscritos. In: Desenredo: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras/ Universidade de Passo Fundo – Vol. 4, n. 2, (2008) – Passo Fundo: Ed. da Universidade de Passo Fundo, p.137-145.

RÖSING, Tania M. K.; AGUIAR Vera T. de (Org.). **Jornadas Literárias:** o prazer do diálogo entre autores e leitores. Passo Fundo: Gráfica e Editora da Universidade de Passo Fundo, 1991.

SAMOYVAULT, T. **A intertextualidade.** Trad.: Sandra Nitri. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SANTOS, Rosa Borges dos. **Ações do filólogo editor:** teoria e prática. In: Cadernos do XX CNLF. v. 20, n. 5. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2016. p. 44-62

SANTOS, Rosa Borges. **Estudos crítico-filológicos:** teorias e práticas editoriais. In: Cadernos do CNLF, VOL. 22, N. 03. Rio de Janeiro: CiFEFil, 2018. p. 494-503

SALLES, Cecília Almeida. **Crítica genética:** fundamentos dos estudos genéticos sobre o processo de criação artística. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2008.